



Werner Sombart – Ciro Saurius, Gravura, ponta seca

## O DEBATE SOBRE A TEORIA MARXIANA DO VALOR ENTRE WERNER SOMBART E FRIEDRICH ENGELS[1]1

The debate on the Marxian theory of value between Werner Sombart and Friedrich  
Engels

Luiz Eduardo Simões de **SOUZA** [2]2 (Universidade Federal do Maranhão, Brasil)

Felipe **COTRIM**[3]3 (Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da  
Universidade de São Paulo, Brasil/ CAPES 2018)

**RESUMO:** *As presentes notas examinam o debate sobre a teoria marxiana do valor entre Werner Sombart e Friedrich Engels, por correspondência, motivado a partir do ensaio crítico de Sombart sobre o Livro 3 de O capital (1894), de Karl Marx, que foi organizado e editado por Engels. Nesse debate é possível identificar, tanto na réplica de Engels (o que o leva a escrever um apêndice ao Livro 3) quanto nos questionamentos de Sombart, a existência de um diálogo entre as perspectivas dos dois intelectuais sobre a teoria do valor de Marx. Assim, essas notas apresentam breves esboços biográficos de Sombart e Engels, contextualizam e comentam o debate teórico público e a correspondência entre ambos sobre a teoria econômica e social marxiana.*

**PALAVRAS-CHAVE:** Capitalismo; Friedrich Engels; Karl Marx; Teoria marxiana do valor, Werner Sombart.

**ABSTRACT:** The present essay addresses a debate between Werner Sombart and Friedrich Engels, by correspondence, about a review written by Sombart at the time of the publication in 1894 of Book 3 of *The Capital*, organized and edited by Engels. It is possible to identify both in Engels' concern with Sombart's questions (which led him to write an appendix to Book 3), and in the development of Sombart's studies (at least while his focus was on the subject of Socialism) from the suggestions of

---

1 Esta versão apresenta mudanças substanciais no texto submetido ao *XIII Congresso Brasileiro de História Econômica e 14ª Conferência Internacional de História de Empresas organizado pela Associação Brasileira de Pesquisadores em História Econômica (ABPHE)*, realizado entre os dias 24 a 26 de setembro de 2019 na Universidade do Extremo Sul Catarinense (UNESC), em Criciúma – SC. A versão original submetida ao XIII Congresso Brasileiro de História Econômica se encontra disponível em: <<http://www.abphe.org.br/arquivos/2019-luiz-eduardo-simoes-de-souza--felipe-cotrim.pdf>>.

2 Professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), *Doutor e Mestre em História Econômica pela Universidade de São Paulo (USP)*

3 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, (PPGHE-FFLCH-USP), 2017, Bolsista CAPES (2018).

reading and understanding of Marxian categories that Engels made to him, the existence of a dialogue between the perspectives of two key intellectuals of social thought not only of that time, but of its own theoretical core. This article thus presents the biography of both authors, and comments on the correspondence between the two, adding Engels' correspondence to third parties, commenting on Sombart, and presenting a reply to the questions of the then young economist and sociologist.

**KEYWORDS:** Capitalism; Friedrich Engels; Karl Marx; Law of value; Werner Sombart.

## **Introdução:**

As presentes notas examinam o debate entre Werner Sombart e Friedrich Engels sobre alguns aspectos da teoria econômica e social marxiana, motivado em razão da publicação de um ensaio crítico de Sombart sobre o Livro 3 de *O capital* [*Das Kapital*] (1894, Hamburgo) – obra de Karl Marx, organizada e editada por Engels.

Engels, então com 74 anos, se encaminhava para seus últimos anos de vida; Sombart, então, com 31, investia em sua carreira acadêmica enquanto afastava-se gradualmente do Partido Social-Democrata Alemão (SPD). Publicamente, o debate ocorreu por meio do ensaio crítico de Sombart sobre o Livro 3 de *O capital*, seguido da publicação de um apêndice de Engels ao mesmo Livro 3, anexado a edições posteriores da obra, e redigido como resposta a Sombart. Privadamente, o debate se desenvolveu por meio de correspondência entre Sombart e Engels, e também entre Engels e terceiros.

Tais cartas correspondem às fontes materiais utilizadas no presente estudo. Por meio desse acervo documental, é possível examinar um interessante debate entre diferentes interpretações da teoria econômica e social marxiana no final do século XIX. Nesse debate, Sombart se mostra bastante provocativo, ao passo em que Engels apresenta respostas engenhosas e didáticas.

Nas páginas seguintes, apresentaremos ao leitor: 1) um breve esboço biográfico de Sombart e Engels; 2) comentários sobre a correspondência entre os dois e de Engels a terceiros; 3) além de um exame do ensaio crítico de Sombart sobre o Livro 3 de *O capital*, de Karl Marx; 4) bem como da réplica de Engels, apresenta em ensaio posteriormente publicado como apêndice ao Livro 3 de *O capital*.

## **Esboço biográfico de Werner Sombart[4]4:**

Werner Sombart (Ermsleben, 19 de janeiro de 1863-Berlim, 18 de maio de 1941) foi um sociólogo e economista alemão. Figura de destaque da Escola Histórica Alemã de Economia,<sup>[5]</sup> Sombart encontra-se entre os mais importantes autores

---

4 O esboço biográfico tem por base o artigo de António de Vasconcelos Nogueira: Werner Sombart (1863-1941): apontamento biobibliográfico. *Análise Social*, v. XXXVIII, n. 169, 2004, p. 1125–1151. Engels e Sombart não vieram a estreitar relações para além do debate em questão:

5 A Escola Histórica Alemã de Economia [*Historische Schule der Nationalökonomie*] – opondo-se às abstrações e à lógica filosófica, bem como ao caráter trans-histórico das teses e dos teoremas econômicos dos pensadores clássicos da economia política – fundamentava seu estudo das sociedades



européus no campo das ciências sociais do primeiro quarto do século XX. Seu percurso intelectual foi marcado por polêmicas e contradições conduzidas por uma linha estritamente pragmática.

Sombart iniciou sua carreira intelectual vinculado à Escola Histórica Alemã de Economia, passou para o lado dos Socialistas de Cátedra e, posteriormente, colaborou com Max Weber e Ernst Troeltsch na formação da sociologia. Durante o final do século XIX e a primeira década do século XX, Sombart associou-se ao Partido Social-Democrata Alemão (SPD), no qual contribuiu intelectualmente como estudioso e intérprete da obra marxiana, até terminar a vida como apoiador e colaborador convicto do Partido Nazista.

Sombart nasceu em Ermsleben, cidade alemã localizada na Alta Saxônia, em 19 de janeiro de 1863, em uma família luterana de industriais e proprietários de terra. Seu pai, Anton Ludwig, foi um político de orientação liberal.

Em razão da saúde precária que o acompanhou por toda a vida, Sombart abdicou de possíveis carreiras militares, diplomáticas ou políticas, voltando-se para a atividade científica. Estudou economia, ciência política, história e filosofia em Pisa, Roma e Berlim. Em Berlim, Sombart aproximou-se dos denominados Socialistas de Cátedra, entre eles o economista alemão líder da Escola Histórica Alemã de Economia, Gustav Schmoller (1838-1917). Schmoller, além de orientar Sombart em sua tese de doutorado – *Über Pacht- und Lohnverhältnisse in der römischen Campagna (Do arrendamento e das condições salariais na Campagna Romana)*; submetida em 1888 na Friedrich-Wilhelms-Universität (atual Humboldt-Universität) – lhe abriu as portas à carreira acadêmica, nos anos de 1890-1891, por meio do Seminário de Economia e Estatística na Universidade de Breslau.<sup>[6]</sup>

Durante esse período, Sombart aproximou-se do socialismo e da obra marxiana, não apenas por razões científicas e políticas, mas também em função de seu crescente interesse na situação dos trabalhadores de Breslau. Durante seu período em Breslau, Sombart associou-se ao Partido Social-Democrata Alemão (SPD), à Associação para Política Social, à Associação Internacional pela Legislação Trabalhista e à Sociedade para a Reforma Social. Também publicou artigos em periódicos científicos editados pelos social-democratas, tais como *Archiv für soziale Gesetzgebung und Statistik (Arquivo para a Legislação Social e Estatística)* e *Sozialpolitisches Centralblatt (Periódico Central Sociopolítico)*.

Os vínculos políticos e ideológicos desses anos parecem ter comprometido sua carreira acadêmica e as condições de seu sustento econômico. Durante esses anos, trabalhou como profissional liberal, advogando pela Câmara de Comércio de Bremen; isto, até a obtenção de uma cátedra júnior na Universidade de Breslau. Eventuais convites dirigidos a Sombart por faculdades eminentes, como Heidelberg e Freiburg,

---

humanas em fatos históricos e econômicos empiricamente verificáveis na documentação disponível ao pesquisador. Esse caráter empirista da Escola Histórica Alemã de Economia deixa como legado uma metodologia rigorosa e segura para o exame da documentação historiográfica e econômica. Além de Werner Sombart, Friedrich List (1789-1846), Gustav Schmoller (1838-1917) e Max Weber (1864-1920) foram alguns de seus membros de maior destaque (Gunnar Myrdal, *Aspectos políticos da teoria econômica (Os economistas)*, São Paulo, Nova Cultural, 1997).

6 Localizada em Breslau, ou Breslávia, então, cidade do Império Alemão (1871-1918). Atual Wrocław, ou Vratislândia, Polônia.

---

acabaram sofrendo vetos governamentais. Foi apenas em 1917 que Sombart tornou-se professor em Berlim, na Friedrich-Wilhelms-Universität (atual Humboldt-Universität), substituindo Adolph Wagner. A crescente frustração para com as dificuldades no desenvolvimento de sua carreira acadêmica em razão de seus vínculos políticos foram fundamentais – argumentam estudiosos da vida e obra de Sombart – para que ele tenha realizado uma “virada” política e ideológica nos anos subsequentes, vindo no final da vida, inclusive, a se alinhar ao Partido Nazista (Harris, 1942).

As primeiras obras de Werner Sombart foram consideradas altamente relevantes ao desenvolvimento das ciências sociais, particularmente a economia e a sociologia. Após uma série de obras publicadas no primeiro decênio do século XX sobre o socialismo, ou sobre categorias de análise a ele pertinentes, publicou em 1902 aquela que veio a ser considerada sua maior obra: *Der moderne Kapitalismus. Historisch-systematische Darstellung des gesamteuropäischen Wirtschaftslebens von seinen Anfängen bis zur Gegenwart* (*O capitalismo moderno: apresentação histórico-sistemática da vida econômica europeia desde o seu início até o presente*). *Der moderne Kapitalismus* foi expandida em 1916, que em 1927 recebeu um terceiro volume, atingindo em 1928 sua versão final (três volumes divididos seis livros). A obra dialoga diretamente com ideias de Joseph Schumpeter e Max Weber sobre a constituição e a dinâmica do capitalismo. Além disso, apresenta o primeiro distanciamento de Sombart com relação à teoria social socialista.

Entre o início da Primeira Guerra Mundial (1914) e o fim da República de Weimar (1933), a produção de Sombart sofreu um hiato, o qual parece marcar sua “virada” teórica e política. Sua aproximação ao nazismo – Sombart não se considerava mais um socialista desde os anos 1920 – é claramente identificado em 1934, ano de publicação de *Deutscher Sozialismus* (*Socialismo alemão*). Na obra, afirmou que um “novo espírito” estava começando a “governar a humanidade”; a era do capitalismo e do socialismo proletário havia se encerrado – argumentou Sombart – com a emergência histórica do “socialismo alemão” (nazismo). Esse “socialismo alemão” colocaria o “bem-estar do todo acima do bem-estar do indivíduo”. Nesse ponto, o intelectual que Engels reconheceu como o “único economista alemão que entendera o *Capital*” já não mais existia.

Apenas o período de produção intelectual anterior a 1920 foi aqui considerado. Contudo, não deixa de ser curioso e sintomático que, até essa data, o interesse de Sombart tenha transitado do socialismo e suas categorias para a caracterização do capitalismo. Nesse sentido, *Deutscher Sozialismus* representou uma espécie de suicídio intelectual – infelizmente mais comum do que se gostaria na história das ideias. Talvez consciente do declínio político do nazismo em meio à guerra e das implicações futuras desse seu envolvimento, Sombart publicou em 1938 *Vom Menschen. Versuch einer geisteswissenschaftlichen Anthropologie* (*Do humano: tentativa de uma antropologia das ciências humanas*), livro dedicado à aplicação do método compreensivo na antropologia.

Werner Sombart faleceu em Berlim no dia 18 de maio de 1941, aos 78 anos de idade.

## O ensaio crítico de Sombart ao Livro 3 de *O capital*, de Karl Marx:

O exame extensivo e crítico dedicado por Sombart ao Livro 3 de *O capital*, de Marx, se encontra no ensaio “Para a crítica do sistema econômico de Karl Marx”,<sup>[7]</sup> publicado em 1894 no periódico científico berlinense *Archiv für soziale Gesetzgebung und Statistik*. Nesse ensaio, Sombart teve por objetivo descrever sua impressão geral da obra, avaliá-la formalmente expondo ao leitor da forma mais concisa possível seu efetivo conteúdo, trazendo à tona, assim, as questões que dominavam o debate sobre a obra marxiana. Ademais, Sombart também objetivava esboçar críticas a alguns dos fundamentos da teoria econômica de Marx (Sombart, 2018, p. 167).

O ensaio está organizado em quatro partes:

Na primeira, Sombart avalia criticamente as qualidades e os limites do trabalho editoria realizado por Engels no Livro 3 de *O capital*. Contrariando a atual tendência ao purismo filológico das pesquisas mais recentes sobre os manuscritos marxianos –, Sombart considera que Engels não interveio o suficiente no texto de Marx; razão pela qual o Livro 3 de *O capital*, possuía – em seu juízo – longas, confusas e tediosas passagens que poderiam ter sido melhor editadas (Sombart, 2018, p. 167–169).

Na segunda parte, Sombart apresenta resumo do conteúdo do Livro 3, se abstendo de expor suas avaliações críticas da obra. O propósito de Sombart nessa segunda parte é expor objetivamente os conceitos fundamentais e as principais teses da teoria econômica marxiana presentes no Livro 3. O rigor, a objetividade e a síntese apresentada por Sombart nessa parte do ensaio ainda pode servir ao leitor contemporâneo com um importante guia na leitura inicial da referida obra (Sombart, 2018, p. 170–184).

A terceira e quarta partes do ensaio são as de maior interesse para nosso presente estudo: são as mais extensas; nelas Sombart teceu suas críticas à teoria econômica marxiana; e é a elas que Engels fez referência em seu texto réplica: “Lei do valor e taxa de lucro” [*Wertgesetz und Profitrate*]<sup>[8]</sup> (Sombart, 2018, p. 185–209).

O principal ponto de polêmica de Sombart com o Livro 3 de *O capital* gira entorno da aparente contradição entre a lei marxiana do valor e a formação dos preços das mercadorias e da taxa média de lucro – uma das questões mais polêmicas do Livro 3, junto com a teoria da queda tendencial da taxa de lucro e da crítica de Marx à “fórmula trinitária da renda”. Os opositores da teoria econômica marxiana – principalmente os Socialistas de Cátedra e os membros da Escola Histórica Alemã de Economia – recusavam as teses desenvolvidas por Marx em *O capital* em razão da suposta falta de sustentação empírica das mesmas. Contudo, Sombart contra-argumenta, justificando que o método de Marx não era empírico, mas lógico-dialético. Para Sombart:

---

7 Zur Kritik des ökonomischen Systems von Karl Marx (Berlim, v. 7, n. 4), p. 555–594. [Edição estadunidense: A Contribution to the Critique of Karl Marx’s Economic System, in *Responses to Marx’s Capital* (Leiden & Boston: Brill, 2018), p. 162–211.]

8 Esse texto engelsiano será examinado mais adiante na seção “O 'Apêndice/Suplemento I', de Engels, ao Livro 3 de *O capital*, de Marx”.

O sistema econômico de Marx é caracterizado por um objetivismo extremo. [...] a visão estritamente objetivista da economia, que tem seu ponto de partida na sociedade economicamente ativa e (formalmente) retorna a ela, buscando desvendar as conexões sociais que na última instância (material) são decisivas para os setores econômicos individuais e os processos econômicos. (Sombart, 2018, p. 207)

Logo, a teoria economia de Marx não seria empirista, tal como a dos Socialistas de Cátedra e da Escola Histórica Alemã de Economia, pois, segundo ele – particularmente no que se refere ao Livro 3 de *O capital* – ela “não lida com os fenômenos da atividade econômica real”; conceitos como o de valor não existiriam no mundo dos fenômenos empíricos, mas corresponderiam a categorias lógicas extraídas a partir da investigação das relações sociais concretas. Portanto, para Sombart, a lei do valor é um instrumento conceitual formulado pela mente do teórico (Sombart, 2018, p. 207).

O valor não vive na consciência dos agentes capitalistas de produção: ele não rege de forma alguma os cálculos do capitalista. Mas tem tão pouco papel, por exemplo, como fator de distribuição na alocação do produto anual da sociedade. Não é, portanto, de forma alguma, um fato de consciência dos compradores e vendedores de mercadorias. Assim, numa palavra, não é uma “condição de atividade econômica” [...]. Na verdade, se “valor” não existe no mundo fenomenal da vida econômica moldada pelo capitalismo, será que não existe em absoluto? Esta conclusão seria prematura. Obviamente ainda existe um refúgio para o valor que foi suprimido no pensamento do teórico da economia. Na verdade, se quisermos caracterizar o sistema econômico de Marx com uma palavra de ordem, seria que seu valor não é um dado empírico, mas um dado conceitual. (Sombart, 2018, p. 187)

E mais adiante, retomou esse tema nos seguintes termos:

{Marx} não quis oferecer uma teoria dos fenômenos econômicos, mas descobrir a conformidade “interna” com a lei da ordem econômica capitalista. [...] O objetivo de *O capital* é, portanto, não apresentar “o verdadeiro movimento de competição”, mas sim “a organização interna do modo de produção capitalista, sua média ideal, por assim dizer”. (Sombart, 2018, p. 198)

Sombart demonstrou, assim, que a metodologia de investigação marxiana não consistiria na observação e descrição dos fenômenos sociais imediatos – conforme propõem os empiristas. Tratar-se-ia, em Marx, de negá-los dialeticamente visando à apropriação de sua essência. Segundo o próprio Marx: “Toda a ciência seria supérflua se a forma de manifestação e a essência das coisas coincidissem imediatamente”, competindo “à ciência reduzir o movimento visível, meramente aparente, ao movimento real interno” (Marx, seção VII, cap. 48.III, p. 880; seção IV, cap. 18, p. 356).

Sombart também demonstra que a metodologia de exposição marxiana segue o caminho inverso ao da investigação. A passagem seguinte, na qual comenta a tese de Marx sobre a formação dos preços, Sombart apresenta essa questão de forma clara.

Nunca lhe ocorreu {a Marx} procurar os motivos individuais das pessoas que intercambiam, ou mesmo proceder a partir do cálculo do custo de produção. Não, sua linha de pensamento foi a seguinte: os preços são formados pela concorrência [...]. Mas a própria concorrência é regulada pela taxa de lucro, a taxa de lucro pela taxa de mais-valia, e esta pelo valor, que é a própria expressão de um fato socialmente determinado, da produtividade social. [Esta sucessão] agora se apresenta no sistema de Marx em ordem inversa: valor – mais-valia – lucro – concorrência – preços, etc. (Sombart, 2018, p. 206–207)

Porém, Sombart não se limitou a definir a teoria marxiana do valor como um conceito meramente lógico-abstrato, que existe unicamente na mente do pesquisador. Para o autor, a teoria marxiana do valor possuiria também um caráter concreto, uma vez que governaria as ações humanas enquanto uma lei natural oculta. Em síntese, a teoria marxiana do valor, concluiu Sombart, é simultaneamente um instrumento lógico-abstrato de compreensão das relações sociais concretas e uma instância regulatória oculta que exerce sua influência sobre a atividade econômica dos sujeitos individuais (Sombart, 2018, p. 189–191).

Outro ponto de polêmica de Sombart perante o Livro 3 de *O capital* foi sobre a relação entre teoria do valor e do mais-valor e a teoria do preço de produção e do lucro de Marx, ou a questão da transformação do valor em preço e do mais-valor em lucro – debate que ainda mobiliza estudiosos contemporâneos da obra marxiana.[9]9

Sombart negou integralmente qualquer equivalência entre o valor e o mais-valor com o preço de produção e o lucro, pois para ele os dois primeiros são conceitos meramente lógicos, enquanto que os últimos se tratavam de conceitos empíricos. Para Sombart, se tratava de uma inconsistência na teoria econômica marxiana justificada pelo caráter incompleto da obra de Marx (Sombart, 2018, p. 200–201).

Essa inconsistência teria se tornado explícita, argumenta Sombart, na exposição de Marx sobre lei da queda tendencial da taxa de lucro. Se é verdade que haveria uma tendência à queda da taxa do mais-valor com o aumento relativo do capital constante na composição orgânica do capital, isso não se refletiria, necessariamente, na economia real. Sombart observou que em seu tempo, aqueles setores da produção (por exemplo, mineração e indústria química) que mais floresciam – isto é, que mais lucravam – eram justamente aqueles com capital de alta composição orgânica – maior investimento no componente constante. Assim, Sombart concluiu que: “As ‘equalizações’ de altas e

---

9 Como exemplo de um debate recente entre marxólogos sobre essa polêmica, temos: Fred Moseley, *Money and Totality: A Macro-Monetary Interpretation of Marx's Logic in Capital and the End of the 'Transformation Problem'*; Ben Fine, *Neither Equilibrium as Such nor as Abstraction: Debating Fred Moseley's Transformation*; Eleutério F. S. Prado, *Moseley on Marx's Method*; Simon Mohun & Roberto Veneziani, *Equal and Unequal Exchange in the Labor Theory of Value: Comments on Moseley*; Fred Moseley, Reply (*International Journal of Political Economy*, v. 46, n. 1, 2017, p. 2–49).



baixas taxas de lucro, entre capitais de composição orgânica diferente, em uma taxa média de lucro são operações mentais, não eventos da vida real” (Sombart, 2018, p. 200–201).

## **Esboço biográfico de Friedrich Engels[10]10:**

Acreditamos que a vida e obra de Friedrich Engels (Barmen, 28 de novembro de 1820 — Londres, 5 de agosto de 1895) dispensaria apresentações. Entretanto, em razão de uma curiosa confusão cometida por promotores do Ministério Público do Estado de São Paulo, que trocaram Engels pelo filósofo alemão G. W. F. Hegel (1770-1831),[11]11 talvez não seja dispendioso – mas, até mesmo instrutivo – apresentar um breve esboço biográfico de um dos mais conhecidos teóricos e políticos do século XIX.

Em parceria com Karl Marx (1818-1883), Friedrich Engels foi um dos principais teóricos e políticos do movimento operário europeu do século XIX.

Nascido em Barmen – cidade alemã localizada na região da Renânia – no dia 28 de novembro de 1820, Engels foi o primogênito de uma rica família da burguesia industrial alemã. Contudo, desde a juventude, seus interesses se voltaram não para os negócios familiares, mas para a história, filosofia e literatura. A vocação de Engels para a vida intelectual e científica o conduziram ao engajamento nos debates filosóficos e políticos cadentes na Alemanha de seu tempo – por exemplo: a dissolução da filosofia hegeliana; a crítica ao autoritarismo e a teocracia do Estado prussiano; e o movimento de unificação dos Estados alemães.

Obrigado pelo pai (Friedrich Engels, 1796-1860), o jovem Engels mudou-se para Manchester a fim de assumir um cargo administrativo na Ermen & Engels, empresa do ramo da indústria têxtil na qual seu pai havia estabelecido sociedade com os irmãos Gottfried e Paul Ermen. A mudança para a grande cidade industrial inglesa de Manchester conduziu Engels a uma inflexão teórico-política que o marcou pelo resto da vida.

Além das responsabilidades profissionais, Engels também se aproximou do cartismo, movimento político operário inglês que reivindicava direitos políticos e econômicos plenos aos trabalhadores ingleses, tais como o sufrágio universal (masculino) e a redução da jornada de trabalho. Paralelamente, Engels executou um projeto de pesquisa teórico e empírico: o estudo da formação histórica do capitalismo industrial na Inglaterra e das condições de trabalho e vida da classe operária naquele país. Os resultados dessa pesquisa foram publicados em Leipzig no ano de 1845 sob o título: *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra [Die Lage der arbeitenden Klasse in England]*. *A situação* foi uma obra pioneira no estudo da sociedade industrial, permanecendo como uma referência para a historiografia e a sociologia contemporâneas, sendo editada, traduzida e publicada até nossos dias. Entre as teses mais originais apresentadas por Engels em *A situação* encontram-se: o caráter histórico

---

10 O seguinte esboço biográfico tem por base: Coggiola, 1995; Henderson, 1976.

11 Troca de Engels por Hegel em pedido de prisão de Lula rende memes e piadas na internet (*O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 11 mar. 2016). Disponível em: <<https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,troca-de-engels-por-hegel-em-pedido-de-prisao-de-lula-rende-memes-e-piadas-na-internet,10000020684>>.

e, portanto, historicamente superável do capitalismo; e a classe operária como sujeito político autônomo e potencialmente revolucionário. Por meio do livro *A situação*, Engels consolidou uma transição teórico-política: a de radical democrata, de inspiração jacobina, a comunista.

*A situação* teve forte repercussão entre os intelectuais alemães, tanto conservadores quanto revolucionários. Entre eles o, então, jovem filósofo Karl Marx (1818-1883), de quem Engels tornou-se amigo e colaborador teórico e político nas décadas seguintes. Da parceria teórica e política entre Marx e Engels podemos destacar obras tais como *A ideologia alemã* [*Die deutsche Ideologie*] (1845-1846, Bruxelas), na qual formularam a concepção materialista da história, e o *Manifesto do Partido Comunista* [*Manifest der Kommunistischen Partei*] (1848, Londres), documento histórico que encarnou o primeiro programa político de teor revolucionário do operariado europeu. Além da atividade teórica, Engels participou ativamente na Revolução Alemã de 1848-1849. Derrotado, mudou-se novamente para a Inglaterra, onde viveu pelo resto de sua vida, vindo a falecer em Londres no dia 5 de agosto de 1895, aos 74 anos de idade.

Durante esse período, Engels levou algo como uma vida dupla. De um lado, foi um respeitável, eficiente e bem-sucedido funcionário da administração das fábricas da Ermen & Engels. De outro, foi teórico e político comunista: escreveu artigos em jornais operários e participou da organização e formulação política do movimento proletário europeu, incluindo-se a Associação Internacional dos Trabalhadores (1864-1876).

Segundo Engels, a colaboração com Marx envolveu uma espécie de divisão de tarefas entre os dois, na qual coube a ele o enfrentamento de tendências adversárias, por meio da publicação de uma de artigos e livros (cf. Sobre a questão da moradia, p. 28). Dentre esses, os mais conhecidos são *Anti-Dühring* (1878, Leipzig) e *Sobre a questão da moradia* [*Zur Wohnungsfrage*] (1872-1873, Leipzig), nos quais Engels realizou crítica devastadora de alguns dos principais articuladores de tendências adversárias à teoria econômica e social marxiana no interior do movimento socialista na Alemanha.

Após a morte de Marx, em 1883, Engels assumiu a difícil tarefa de editar e publicar os dois volumes restantes de *O capital* a partir dos fragmentos e rascunhos deixados pelo amigo em uma série de manuscritos. Em paralelo a este trabalho de edição e publicação dos Livros 2 e 3 de *O capital*, Engels também assumiu o trabalho de sistematizar, aprofundar e complementar a teoria econômica e social marxiana, publicando artigos e livros sobre o assunto e interagindo com uma rica gama de intelectuais e políticos do movimento operário europeu e dos Estados Unidos. Hoje, é possível conhecer e estudar essa rede de debates e críticas políticas e teóricas através das cartas que sobreviveram ao tempo. Uma dessas cartas, redigida em Londres, no mês de março de 1895, em resposta à carta de Werner Sombart, de 14 de fevereiro de 1895, é que será analisada adiante.

### **Cartas de Engels sobre o ensaio crítico de Sombart ao Livro 3 de *O capital*, de Karl Marx:**

Engels teceu, ao longo de cartas com os teóricos e políticos socialistas Paul Lafargue (1842-1911), Conrad Schmidt (1863-1932), Karl Kautsky (1854-1938) e Victor Adler (1852-1918), elogios ao ensaio crítico de Sombart sobre o Livro 3 de *O*

*capital*. Em carta a Lafargue (Londres, 26 fev. 1895, in MECW 50, p. 448; MEW 39, p. 414), Engels escreveu que o “marxista bastante eclético” Sombart publicou “um bom artigo dobre o terceiro volume”. Em carta a Kautsky (Londres, 13 mar. 1895, MECW 50, p. 467; MEW 39, p. 435),<sup>[12]</sup> Engels o elogiou pela iniciativa em publicar o ensaio de Sombart no lugar do “confuso” Enrico Ferri (1856-1929), advogado e sociólogo italiano militante do Partido Socialista Italiano (PSI), “incapaz de escrever a respeito do volume III”.

Contudo, Engels também identificou pontos de polêmica e divergência no ensaio de Sombart. Em carta a Schmidt (Londres, 12 mar. 1895, MECW 50, p. 466; MEW 39, p. 433), Engels apontou em Sombart a “tendência em enfraquecer a teoria do valor” e que este “esperava encontrar uma solução bastante diferente” para a questão. Em carta a Adler (Londres, 16 mar. 1895, MECW 50, p. 468; MEW 39, p. 436), Engels comenta que a concepção de Sombart da lei do valor foi “prejudicada por alguma decepção sobre a solução para a questão da taxa de lucro”. Sombart “claramente – complementou Engels – esperava um milagre, em vez disso, encontrou, simplesmente, o que era racional, e isso é tudo, menos milagroso. Daí sua redução do significado da lei do valor à dominação da força produtiva do trabalho como poder econômico determinante. Tudo isso é muito generalizado e impreciso”.

Em carta a Schmidt (Londres, 6 abr. 1895, MECW 50, p. 492; MEW 39, p. 461) e a Kautsky (Londres, 21 maio 1895, MECW 50, p. 512; MEW 39, p. 482), Engels manifestou a intenção de redigir um ensaio para a revista *Die Neue Zeit*<sup>[13]</sup> sobre a lei do valor e da taxa de lucro a fim de responder as objeções de Sombart e do próprio Schmidt.<sup>[14]</sup>

Engels viria a falecer quatro meses mais tarde no dia 5 de agosto de 1895. O ensaio foi publicado postumamente na *Die Neue Zeit* sob o título: *Lei do valor e taxa de lucro*.<sup>[15]</sup> Em edições posteriores do Livro 3 de *O capital*, esse ensaio-réplica foi incluído como apêndice ou suplemento.

### **O estilo da carta de Engels a Sombart:**

Em geral, as cartas de Engels remetidas a pessoas com as quais não possuía intimidade tratavam sobre questões teóricas, críticas ou polêmicas das obras de economia política, filosofia ou historiografia de Marx. Nessas, a redação de Engels caracterizava-se pela precisão e pela moderação nas conclusões. A carta de Engels a Sombart (Londres, 11 mar. 1895, MECW 50, p. 460–462; MEW 39, p. 427–429;

---

12 Em carta de 5 de março de 1895, Kautsky informou a Engels que havia declinado de publicar o ensaio de Enrico Ferri (1856-1929) em defesa da teoria marxiana do valor (MECW 50, *Marx/Engels Collected Works, Vol. 50. Engels: 1892-95, Letters*, New York, International Publishers, 2004, p. 604, nota 541).

13 Periódico científico do Partido Social-Democrata Alemão (SPD) editado por Karl Kautsky entre 1883-1917, no qual Engels contribuiu com ensaios (MECW 50, op. cit., p. 648).

14 Conrad Schmidt, *Der dritte Band des Kapital, Sozialpolitisches Centralblatt*, Berlin, 25 fev. 1895.

15 Friedrich Engels, *Wertgesetz und Profitrate, Die Neue Zeit*, Stuttgart, n. 1-2, 1895-1896, p. 6–11, 37–44.

Engels, 1982), p. 568–570) se enquadra nesse grupo (“Preface”, MECW 50, p. xxiii–xxiv).

## Carta de Friedrich Engels a Werner Sombart:

Em carta a Sombart (Londres, 11 mar. 1895, Engels, 1982, p. 568–570), à época professor na Universidade de Breslau, Engels, em resposta à carta de 14 de fevereiro de 1895, tratou do ensaio crítico dele sobre o Livro 3 de *O capital*. Nessa carta, Engels demonstrou recepção positiva com relação ao ensaio de Sombart: considerou que ele havia dado demonstrações de efetivo entendimento de *O capital* e que “no principal, [...] disse [...] aquilo que era correto”. Contudo, Engels, também anunciou possuir divergências para com alguns aspectos apresentados por Sombart, particularmente no que se referia às considerações dele sobre o conceito marxiano do valor.

Segundo Engels, Sombart assumiu o conceito marxiano do valor de forma historicamente ampla. O valor, observou Engels, deve ser historicamente estabelecido; adequando-se somente naquelas “formas de sociedade em que existe troca de mercadorias ou produção de mercadorias”. As demais sociedades, que não se enquadram nesse grupo – por exemplo, o comunismo primitivo –, escreveu Engels, não conheceram esse conceito (Engels, 1982, p. 568–570).

Mais adiante, nessa mesma carta, Engels respondeu ao questionamento de Sombart sobre “as passagens conceituais” nas quais Marx discorreu sobre a taxa geral de lucro e a ausência de consciência teórica dos capitalistas sobre os conceitos fundamentais do capital, por exemplo, da mais-valia e do lucro. Nessa passagem, Engels observou que:

Se a taxa média de lucro tivesse requerido para o seu estabelecimento a colaboração consciente dos capitalistas singulares, se o capitalista singular tivesse consciência de que produz mais-valia e de quanta [produz] e de que ele, em muitos casos, tem de prescindir da sua mais-valia, a conexão entre mais-valia e lucro teria ficado de antemão bastante clara e, seguramente, estaria já em Adam Smith, se não já em Petty. (Engels, 1982, p. 568–570)

Engels tomou a oportunidade para tratar com Sombart da concepção marxiana, segundo a qual toda a história fora, até então, realizada sem a devida consciência dos sujeitos sociais – isto é, apesar do papel ativo destes na história, eles não detinham plena consciência dos rumos de suas ações (Marx, 2011, cap. I, p. 25) – ou conforme formulado por Marx no Livro 1 de *O capital*: “eles não sabem disso, mas o fazem” (Marx, 2013, seção I, cap. 1.4., p. 149).

No que se refere a economia, Engels escreveu:

Os capitalistas singulares andam, cada um para si, à caça do maior lucro. A economia burguesa descobre que esta caça do maior lucro de cada {capitalista} singular tem como resultado a taxa de lucro [*Profitrate*] igual geral, [ou seja,] a razão de lucro [*Profitsatz*] aproximadamente igual para cada um. Mas nem os capitalistas, nem os economistas burgueses, estão conscientes de que o objetivo real desta caça é a repartição percentual igualizada



[*gleichmässige prozentige Verteilung*] da mais-valia total pelo capital total.  
(Engels, 1982, p. 568–570)

Em outras palavras, os capitalistas não possuem uma compreensão ou perspectiva totalizante da economia capitalista, mas uma percepção fragmentada, limitada pelos próprios interesses particulares, o que inviabilizou a capacidade de descoberta por si mesmos de categorias fundamentais do capital, tal como o mais-valor ou sua respectiva taxa-geral.

Engels prosseguiu com a questão: como se constituiu o processo de equalização da taxa de lucro? Segundo Engels, Marx não desenvolveu a resposta definitiva a essa questão, deixando-a em aberto. Porém, escreveu Engels, Marx deixou aos futuros economistas – e aos demais pesquisadores e cientistas – o caminho, ou o método, para a solução dessa questão. “Todo o modo de concepção de Marx – observou Engels a Sombart – não é uma doutrina, mas um método. Não dá quaisquer dogmas prontos, mas pontos de apoio para uma investigação ulterior e o método para esta investigação”, cabendo, portanto, a seus sucessores continuar a investigação que Marx não foi capaz de concluir em seu tempo (Engels, 1982, p. 568–570).

A fim de auxiliar Sombart no exame desse tema, Engels indicou uma passagem no capítulo 10 do Livro 3 de *O capital* sobre o conceito marxiano da lei do valor e da transformação do valor aproximado das mercadorias em preço (Marx, 2017, p. 209–212; 1996, p. 137–138; MECW 37, p. 174–176; MEW 25, p. 184–187). Engels sugeriu a Sombart a releitura mais atenta dessa passagem, incentivando-o a prosseguir a investigação incompleta de Marx sobre essa questão (Engels, 1982, p. 568–570).

Nessa referida passagem do capítulo 10 do Livro 3 de *O capital*, Marx examinou a realização do valor da mercadoria no intercâmbio entre os produtores, ou a transformação do valor em preço, e a conseqüente venda das mercadorias por seus respectivos valores aproximados (Marx, 2017, p. 209). O “intercâmbio de mercadorias por seus valores”, segundo Marx, corresponde aos modos de produção pré-capitalistas, ou a níveis do modo de produção capitalista pouco desenvolvidos, no qual, tanto “do ponto de vista teórico, mas também do histórico”, o preço de produção não se firmou como determinante na formação dos preços (Marx, 2017, seção II, cap. 10, p. 211).

Marx considerou que o intercâmbio de mercadorias por seus valores aproximados como predecessor ao intercâmbio de mercadorias por seus preços de produção. Essa condição – o intercâmbio de mercadorias por seus respectivos valores aproximados – teve lugar nos modos de produção nos quais os produtores não eram – ou ainda não haviam sido – completamente separados dos meios de produção, ou seja, nos modos de produção pré-capitalistas ou nos níveis pouco desenvolvidos do modo capitalista de produção. Essa consideração marxiana seria aplicável, portanto, no mundo antigo e moderno, “no caso do camponês que possui a terra na qual trabalha para si mesmo, [...] no {caso} do artesão”, como, também, considerou Marx, nos regimes de escravidão e servidão (Marx, 2017, seção II, cap. 10, p. 210–211).

Para que os preços aos quais as mercadorias são trocadas entre si correspondam aproximadamente a seus valores – asseverou Marx – é necessário somente: 1) que a troca das diversas mercadorias deixe de ser

puramente acidental ou apenas ocasional; 2) que, na medida em que consideramos a troca direta de mercadorias, estas sejam produzidas, em ambos os lados, nas quantidades proporcionais que correspondam aproximadamente à necessidade mútua, o que é indicado pela mútua experiência do mercado e, portanto, resulta do próprio intercâmbio continuado; 3) que, na medida em que falamos da venda, nenhum monopólio natural ou artificial permita a uma das partes contratantes vender acima do valor nem a obrigue a desfazer-se de sua mercadoria abaixo deste último. Por monopólio fortuito, entendemos aquele do qual o comprador ou o vendedor desfruta graças à situação fortuita da oferta e da demanda. (Marx, 2017, seção II, cap. 10, p. 212)

A diferença na formação dos preços entre os modos de produção pré-capitalistas ou nos níveis pouco desenvolvidos do modo de produção capitalista – nos quais os produtores não foram completamente expropriados dos meios de produção e a produção não se generalizou como produção de mercadorias – e o modo capitalista de produção é fundamental no exame investigativo sobre a formação histórica do capitalismo e dos modos de produção precedentes. As categorias, ou as determinações sociais, do modo capitalista de produção, nos termos de Marx, não podem ser assumidas, como categorias ou determinações universais, tal como incorreram os economistas políticos clássicos. Para desvendar quais categorias ou determinações regem os modos de produção pré-capitalistas, asseverou Engels em carta a Schmidt (Londres, 5 ago. 1890, Engels, 2013, p. 126), deve-se “estudar de novo toda a história, investigar detalhadamente as condições de vida das diversas formações sociais, antes de se tentar deduzir delas as ideias políticas, jurídicas, estéticas, filosóficas, religiosas etc. que a elas correspondem”.

Marx apresentou as pistas de como prosseguir essa investigação a respeito dos modos de produção pré-capitalistas no trecho do capítulo 10 do Livro 3 de *O capital* mencionado por Engels a Sombart, como também no capítulo 20[16]16 da seção IV do mesmo livro onde é exposto as formas históricas de existência do capital comercial (comércio de dinheiro e comércio de mercadorias) e a transformação do produto do trabalho em mercadoria antes mesmo do pleno estabelecimento do modo de produção capitalista (Marx, 2017, p. 367–381).

Nesses trechos de *O capital* mencionados acima o leitor encontrará algumas das teses marxianas sobre as formas pré-capitalistas de produção e de como estas devem ser investigadas a partir da concepção materialista da história. Marx discorreu anteriormente sobre essa questão nos manuscritos econômicos de 1857-1858, publicados postumamente na União Soviética entre os anos de 1939 e 1941, batizados de *Grundrisse* — o primeiro grande esboço de *O capital* (Marx, 1985; 2011, p. 388–423).[17]17

---

16 Sombart se referiu ao capítulo 20 do Livro 3 de *O capital* como sendo “um mero esboço, que em muitos aspectos foi substituído por novas pesquisas, mas que ainda é suficientemente rico em ideias brilhantes para ser lido com interesse e para ser útil a qualquer pessoa” (Werner Sombart, *A Contribution to the Critique of Karl Marx’s Economic System*, op. cit., p. 179)

17 O historiador britânico Eric J. Hobsbawm possui um conhecido e polêmico ensaio sobre os manuscritos marxianos de 1857-1858 sobre os modos pré-capitalistas de produção (Introdução, *in Formações econômicas pré-capitalistas* 4. ed., Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985, p. 13–64). Mais recentemente, Gustavo Machado debruçou-se sobre essa questão em *Marx e a história*, particularmente no capítulo 1: Em busca do ser histórico do homem, São Paulo, Sundermann, 2018, p. 51–146.

## O “Apêndice/Suplemento I”, de Engels, ao Livro 3 de *O capital*, de Marx[18]18:

O “Apêndice I” ao Livro 3 de *O capital* consistiu em uma tentativa de Engels responder aos críticos da obra marxiana e de oferecer esclarecimentos e complementos às passagens mais controversas do texto. Segundo Engels, a existência dessas controvérsias em torno do Livro 3 seriam naturais em razão de se tratar de uma obra que apresentou pela primeira vez toda uma série de novas teses – algumas delas esboçadas de forma parcial – e por se tratar de uma obra pioneira em seu campo de investigação. Foi nesse contexto, escreveu Engels, que sua “intervenção pode ser útil para eliminar dificuldades de compreensão, acentuar aspectos cuja importância não se encontra suficientemente ressaltada no texto {marxiano} e, considerando que este foi escrito em 1865,[19]19 adicionar-lhe alguns importantes dados complementares, ajustando-o assim ao estado de coisas de 1895” (Engels, 2017, p. 951–952).

Conforme sugere o próprio título do apêndice, Engels tratou das polêmicas sobre a lei do valor e da taxa de lucro. Essa tarefa assumida por Engels em retomar o debate sobre essas polêmicas foi essencial, pois muitos interpretes e resenhistas do Livro 3 identificaram uma possível contradição entre a teoria do valor marxiana apresentada no Livro 1 perante as teorias da taxa de lucro e da formação dos preços médios das mercadorias apresentadas no Livro 3.

Nos primeiros parágrafos do “Apêndice I”, Engels, além de defender Marx das acusações de plágio, dedicou-se a responder – uma vez mais –[20]20 as críticas do economista e sociólogo italiano Achille Loria[21]21 (1857-1943) sobre a teoria marxiana da economia política. Loria negou a possibilidade de existência de uma média geral dos preços, equivalendo o conceito de preço ao conceito de valor e fez deste último o padrão universal para a determinação dos preços das mercadorias, ignorando, por exemplo, a influência da relação oferta-demanda e da concorrência na composição dos

---

18 I. Lei do valor e taxa de lucro [*I. Wertgesetz und Profitrate*], in *O capital: Livro III*, São Paulo, Boitempo, 2017, p. 952–968; v. 3, t.2, 2. ed., São Paulo, Nova Cultural, 1986, p. 322–332; MECW 37, *Marx/Engels Collected Works, Vol. 37. Marx: Capital, Volume III*. New York, International Publishers, 1998, p. 876–894; MEW 25, *Marx-Engels-Werke, Bd. 25: Karl Marx, Das Kapital, III*. Berlin, Dietz Verlag, 1964, p. 898–917.

19 Para melhor compreensão sobre os manuscritos marxianos de *O capital* e o trabalho editorial de Engels ler: Michael Heinrich, A edição de Engels do Livro 3 de *O capital* e o manuscrito original de Marx, *Crítica Marxista*, n. 43, 2016, p. 29–43; Deconstructing “Capital”: New Insights from Marx’s Economic Manuscripts in “MEGA” (Summary), Historical Materialism Annual Conference: “New Directions in Marxian Theory”, dez. 2006; Prefácio – O Livro II de *O capital*, in *O capital: Livro II*, São Paulo, Boitempo, 2014, p. 17–22; Michael Krätke, O problema Marx-Engels: por que Engels não falseou O capital marxiano, *Verinotio*, n. 20, 2014, p. 191–206; Carl-Erich Vollgraf & Jürgen Jungnickel, Marx in Marx’s Words? On Engels’s Edition of the Main Manuscript of Book 3 of “Capital”, *International Journal of Political Economy*, v. 32, n. 1, 2002, p. 35–78; Vitalii Vygodskii, “What Was It Actually That Engels Published in the Years 1885 and 1894? On the Article by Carl-Erich Vollgraf and Jürgen Jungnickel Entitled ‘Marx in Marx’s Words’?”, op. cit., p. 79–82.

20 Engels já havia realizado uma réplica a Loria no Prefácio (1894) ao Livro 3 de *O capital*. Friedrich Engels. Prefácio. *O capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista*, São Paulo: Boitempo, 2017b. p. 44-48.

21 L’opera postuma di Carlo Marx, *Nuova Antologia di Scienze, lettere ed arti*, Roma, ano XXX, fascículo III, 1º fev. 1895.

preços das mercadorias. Com uma paciência professoral – além de uma dose de ironia e outra de sarcasmo –, Engels corrigiu Loria em definitivo, explicando-lhe as devidas distinções entre valor e preço (Engels, 2017, p. 952–954).

Mais adiante, Engels voltou-se para os ensaios de Sombart e Schmidt do Livro 3.

Sombart (2018, p. 162–211) também tratou da polêmica sobre a lei marxiana do valor e o intercâmbio de mercadorias no modo de produção capitalista. Resumindo a tese marxiana, Sombart, nos termos de Engels, asseverou que o valor, para Marx, não consiste em um fato empírico, mas lógico. Segundo a compreensão de Sombart, durante a relação de intercâmbio de mercadorias – isto é, na relação social entre vendedor-comprador – os sujeitos sociais desconhecem a existência do valor ao longo do processo de produção e de intercâmbio – “eles não sabem disso, mas o fazem” (Marx, 2013, seção I, cap. 1.4., p. 149) – e que “a lei do valor rege, em última instância, os processos econômicos numa ordem capitalista”. Para Engels, Sombart estava, então, no caminho correto. Porém, considerou sua formulação da lei do valor “demasiadamente larga”, sendo necessária “uma formulação mais restrita, mais precisa”, que fosse capaz de evidenciar todo o potencial e toda a importância dessa lei sobre aquelas sociedades que foram regidas por ela (Engels, 2017, 955).

No que se refere à crítica de Schmidt,[22]22 Engels o elogiou por ter demonstrado corretamente a forma pela qual Marx derivou a taxa média de lucro do mais-valor. Contudo, nesse ensaio, como também em carta a Engels, Schmidt classificou a lei do valor como “hipótese científica” e “uma simples ficção, ainda que teoricamente necessária”, o que Engels rejeitou categoricamente (Engels, 2017, 955–956).

Para Engels, a lei marxiana do valor consiste em um processo, simultaneamente, lógico e histórico.[23]23 A fim de sustentar tal afirmação, Engels cita passagem marxiana presente no capítulo 10 do Livro 3 na qual Marx afirmou que:

O intercâmbio de mercadorias por seus valores, ou aproximadamente por seus valores, requer um estágio muito inferior ao do intercâmbio a preços de produção, para o qual se faz necessário um nível determinado do desenvolvimento capitalista. [...] Ainda sem levar em conta o fato de que os preços e seu movimento são determinados pela lei do valor, é totalmente apropriado considerar os valores das mercadorias não só do ponto de vista teórico, mas também do histórico, como o prius [antecedente] dos preços de produção. Isso vale para casos em que os meios de produção pertencem ao trabalhador, o que ocorre tanto no mundo antigo como no moderno, tanto no caso do camponês que possui a terra na qual trabalha para si mesmo, como no do artesão. Isso também está de acordo com nossa opinião, que expressamos anteriormente, de que a transformação dos produtos em mercadorias resulta do intercâmbio entre diversas coletividades, e não entre membros de uma e

---

22 Conrad Schmidt, *Der dritte Band des Kapital*, op cit.

23 No Prefácio da primeira edição do Livro 1 de *O capital*, Marx (2013. p. 78, 80; MECW 35, *Marx/Engels Collected Works, Vol. 35. Marx: Capital, Volume I*, New York, International Publishers, 1996. p. 8, 10; MEW 23, p. 12, 16) escreveu que ao longo de sua investigação sobre as formas econômicas e o desenvolvimento e a formação econômica das sociedades recorreu tanto à força da abstração quanto do estudo histórico-natural.



mesma comunidade. E o que se aplica a esse estado de coisas originário aplica-se também a situações posteriores, fundadas na escravidão {da antiguidade greco-romana} e na servidão, assim como às corporações artesanais, por todo o tempo em que os meios de produção imobilizados em cada ramo da produção só possam ser transferidos de uma esfera a outra com muita dificuldade e que, dentro de certos limites, as diferentes esferas da produção se relacionem entre si como o fariam países estrangeiros ou coletividades comunistas {primitivas}. (Marx, 2017, p. 211–212)

Certamente, registrou Engels, Marx teria desenvolvido melhor essa tese caso tivesse tido tempo o suficiente. “Tal como se apresenta – escreveu Engels – ela dá apenas um esboço do que se deve dizer sobre o problema”. A tarefa na qual Engels se encarregou nas páginas seguintes do “Apêndice I” consistiu em desdobrar essa tese dentro da “moldura” marxista (McLellan, 1979, p. 25) – o método marxiano de investigação.

Engels iniciou sua argumentação tratando das primeiras sociedades humanas nas quais os consumidores eram os produtores dos próprios produtos, portanto, sociedades autossuficientes nas quais se realizava a troca do excedente com outras comunidades vizinhas. Essa forma produtiva se manteve como que estável em seus fundamentos gerais até o final da Idade Média, ou até o período de transição do feudalismo ao capitalismo (c. XV-XVI). Os produtos adquiridos através da troca consistiam em “objetos de produção artesanal [...] cuja fabricação” os produtores somente não a produziam por si mesmos em razão de não disporem das matérias-primas ou quando o produto intercambiado fosse de melhor qualidade.

O camponês da Idade Média – exemplificou Engels – tinha plena consciência [...] do tempo de trabalho requerido para produzir os objetos que recebia na troca. O ferreiro e o segeiro<sup>24</sup> da aldeia trabalhavam diante de seus olhos; do mesmo modo, o alfaiate e o sapateiro [...]. Tanto o camponês, como as pessoas de quem ele comprava – concluiu Engels – eram trabalhadores, e os artigos que trocavam entre si eram os produtos do trabalho de cada um. (Engels, 2017, p. 958)

Essa condição na qual se realizava o trabalho e o intercâmbio dos produtos permitia aos produtores terem a percepção espontânea do “valor” do próprio trabalho empregado, como também, o dos demais com quem estabeleciam a troca dos produtos. “O tempo de trabalho despendido” nesses produtos, portanto, “não era apenas o único padrão de medida adequado para determinar quantitativamente as grandezas a serem trocadas, mas que isso – asseverou Engels – não havia outro além dele” (Engels, 2017, p. 958).

Apoiado na teoria econômica marxiana, Engels sustentava que “durante todo o período da economia natural camponesa” e dos artesãos, “a única troca possível era aquela em que as quantidades trocadas de mercadorias tendiam a medir-se cada vez mais conforme as quantidades de trabalho nelas incorporadas”, no qual o intercâmbio

---

<sup>24</sup> O fabricante de sege, ou carruagem.

dos produtores era feito por eles nas feiras sem a mediação do comerciante (Engels, 2017, p. 959).

Reside aqui um ponto de polêmica entre marxólogos perante a leitura, ou a interpretação, engelsiana dos textos de Marx sobre as sociedades pré-capitalistas. A despeito de existirem marxólogos – por exemplo, o economista belga Ernest Mandel (2015) – que expuseram interpretações confluentes à de Engels, outros marxólogos mais contemporâneos – por exemplo, o cientista político e matemático alemão Michael Heinrich (2016, p. 39-40) – argumentam que Engels, sustentado em “uma observação casual feita por Marx”, realizara uma leitura histórica de *O capital* no que se refere ao problema da transformação dos valores em preços de produção e no tratamento da mercadoria e do dinheiro como categorias oriundas de sociedades pré-capitalistas e não categorias exclusivas do modo capitalista de produção.

Não há dúvida de que o “Apêndice I” consiste em uma interpretação engelsiana da teoria econômica de Marx sobre a teoria do valor, da determinação dos preços das mercadorias a partir do valor ou do preço de produção e da forma mercadoria e da forma dinheiro nas sociedades pré-capitalistas e capitalistas. Contudo, podemos argumentar que as teses de Engels sobre os temas listados acima não foram produto do desdobramento de uma passagem casual do texto marxiano.

No que se refere à forma mercadoria e dinheiro, Marx (2017, p. 367–381) tratou explicitamente da existência dessas determinações e categorias nos modos pré-capitalistas de produção no capítulo 20 do Livro 3 de *O capital*. No que se refere a sucessão histórica da determinação do preço das mercadorias a partir de seus valores aproximados nas sociedades pré-capitalistas e a partir de seus preços de produção nas sociedades capitalistas, Marx (2017, p. 209-212, 819-821) discorreu sobre essa questão nos capítulos 10 e 45 do Livro 3 de *O capital*. No que se refere a mercadoria e o dinheiro, não há no “Apêndice I” quaisquer indicações de que Engels considerou essas determinações ou categorias como sendo trans-históricas ou produto de uma sucessão histórica determinada, mas produto do estudo concreto da história econômica das sociedades humanas pré-capitalistas e do período de transição do feudalismo ao capitalismo.

Para Engels, seguindo as pistas deixadas por Marx, durante os períodos históricos nos quais predominou a produção e intercâmbio dos produtos pelos próprios produtores (ou seja, nos modos pré-capitalistas de produção), “a medida dos preços se aproxima” de seus respectivos “valores”, pois, em um mundo no qual a divisão do trabalho ainda não havia se desenvolvido nas mesmas proporções do que no capitalismo industrial, os produtores “eram capazes de calcular [...] os custos de produção em matérias-primas, materiais auxiliares e tempo de trabalho” dos “artigos de uso cotidiano e geral”. Para os demais produtos, que demandavam um largo e irregular período de trabalho, o que dificultava o cálculo dos respectivos valores no momento do intercâmbio, realizava-se através de aproximações sucessivas, negociações, tentativa e erro (Engels, 2017, p. 959).

A emergência histórica do dinheiro metálico (ouro e prata) significou um momento de inflexão. A partir de então, “a determinação do valor pelo tempo de trabalho deixa de aparecer de forma visível na superfície da troca de mercadorias”, estabelecendo o dinheiro metálico como “a medida fundamental do valor”, o equivalente universal, conforme mais se complexificava a divisão social do trabalho e o

comércio, reduzindo, assim, o controle dos produtores individuais, ou das comunidades de camponeses e artesãos, da produção e reprodução geral da sociedade (Engels, 2017, p. 960).

Portanto, a partir das considerações expostas acima, para Engels, “a lei marxiana do valor tem validade geral” [...] para todo o período da produção simples de mercadorias”, e não como lei exclusiva do modo capitalista de produção plenamente desenvolvido (Engels, 2017, p. 960–961).

Até esse momento no “Apêndice I”, Engels encontrava-se afinado com a teoria econômica de Marx exposta no Livro 1 e no capítulo 10 do Livro 3 de *O capital*, como, também, algumas passagens sobre valor e preço de produção presentes no capítulo 45 (Marx, 2017, p. 209–212, 819–821).

Mas, poderíamos questionar: como Engels justificou a especificidade do intercâmbio de mercadorias e a nova determinação dos preços destas a partir da transição dos modos de produção pré-capitalistas para o modo de produção capitalista; ou mais especificamente — de acordo com o exemplo utilizado por Engels —, a transição do feudalismo ao capitalismo na Europa? Para tanto, Engels recorreu ao capítulo 20 do Livro 3 de *O capital*, no qual Marx examinou o capital comercial — isto é, o comércio de dinheiro e o comércio de mercadorias — e o papel revolucionário executado pelos comerciantes, ou os mercadores — os sujeitos históricos responsáveis por retirar a estabilidade que reinava nas comunidades pré-capitalistas. Nas páginas seguintes do “Apêndice I” Engels expôs o processo histórico no qual se efetivou essa mudança no elemento determinante da formação dos preços das mercadorias e da taxa média de lucro (Engels, 2017, p. 961–968).

Inicialmente, os comerciantes, ou mercadores, também se organizavam, tal como os artesãos, em corporações fechadas à concorrência e à clientela, responsáveis por estabelecerem os preços de compra e venda e o padrão de qualidade das mercadorias. Exemplos históricos dessas corporações mercantis foram os genoveses, venezianos, hanseáticos e catalães, que se constituam como associações monopolistas — ou, nos termos de Engels, em “nações” mercantes. Nessas nações se observou pela primeira vez na Europa moderna a forma mais simples do lucro e sua respectiva taxa média (Engels, 2017, p. 961–963).

Por meio da concorrência entre essas nações mercantes por mercados, teve origem o processo de equalização das diferentes taxas de lucro, ou seja, no sentido inverso de sua constituição, o monopólio. Esse processo histórico foi acelerado pela conquista turca de Constantinopla (1453) e as grandes navegações de finais do século XV (Engels, 2017, p. 963–964).

Essa nova fase histórica tornou as corporações mercantes em organizações obsoletas, sendo substituídas pelos primeiros Estados modernos: Espanha, França, Inglaterra, Países Baixos e Portugal. A partir de então, sob a proteção desses Estados, os comerciantes — agora libertos das amarras das corporações — realizavam seus investimentos comerciais nos territórios recém-conquistados nas Américas, África e Ásia, “convertendo a equalização da taxa de lucro cada vez mais numa questão exclusiva da concorrência” entre os Estados modernos que digladiavam entre si por territórios, matérias-primas, mercados e rotas comerciais (Engels, 2017, p. 964).

Durante esse período o capital existia não na esfera da produção, mas na esfera

da circulação sob a forma de capital comercial e usurário pois os produtores ainda não haviam sido completamente expropriados dos meios de produção – terras e ferramentas, por exemplo (Engels, 2017, p. 964-965). Nesse contexto, “o capital comercial só podia obter seu lucro [...] dos compradores estrangeiros de produtos nacionais ou dos compradores nacionais de produtos estrangeiros” por meio do “método” mercantilista de enriquecimento: comprando barato e vendendo mais caro; abocanhando dos detentores do mais-produto dos modos de produção pré-capitalistas – proprietário de escravos, o senhor feudal e o Estado –; ou através de pilhagem, pirataria, e todas as demais formas de roubo (Marx e Engels, 2017, p. 375–376, 965).

O elemento de nova inflexão desse processo foi a emergência do capital industrial, por meio do qual se constituiu o mais-valor capitalista (Engels, 2017, p. 965).

Mas Engels questionou: o que levou os primeiros capitalistas industriais, até então, mercadores, “a levar ao mercado mercadorias produzidas diretamente por” sua conta, concorrendo com as mercadorias dos artesãos de quem antes mediavam a troca no mercado? Ou: “o que podia [...] induzir o comerciante a encarregar-se desse negócio extra de contratador?”. A resposta parecia simples: nada além do motor que mobiliza o capitalista, “obter um lucro maior” (Engels, 2017, p. 965–966).

Pondo a seu serviço o pequeno-mestre artesão – explicou Engels – ele {o mercador, ou o capitalista comercial} rompia com as barreiras tradicionais opostas à produção, dentro das quais o produtor vendia seu produto acabado e nada mais. O capitalista comercial comprava a força de trabalho, que, naquele momento, ainda possuía seus instrumentos de produção, mas não mais a matéria-prima. Ao assegurar desse modo uma ocupação regular ao tecelão, ele podia, em contrapartida, baixar o salário deste último a ponto de obter gratuitamente uma parte do trabalho efetuado. O contratador convertia-se, assim, em apropriador de mais-valor, além do lucro comercial que já obtivera até então. Porém, precisava empregar capital adicional para comprar fio etc. e pôr essa matéria-prima nas mãos do tecelão, até que este tivesse acabado o tecido, cujo preço total ele anteriormente só tinha de pagar no momento da compra. Ocorre que, em primeiro lugar, na maioria das vezes ele também já lançara mão de capital extra para fazer adiantamentos ao tecelão, que, via de regra, condenava-o à servidão das dívidas e a submeter-se às novas condições de produção. (Engels, 2017, p. 966)

Deu-se, então, o início do processo histórico de “submissão da indústria ao capital”, consolidado a partir da “introdução da manufatura” e que, através de sucessivas revoluções técnicas na produção, conquistou “o mercado interno para o capital”, liquidou “a pequena produção e a economia natural da família camponesa autossuficiente”, eliminou “o intercâmbio direto entre os pequenos produtores”, pôs “a nação inteira a serviço do capital”, nivelou “as taxas de lucro dos diversos ramos comerciais e industriais numa única taxa geral de lucro” garantindo a supremacia da indústria “nessa equalização” ao remover os “obstáculos que até então se opunham à transferência de capital de um ramo para o outro” (Engels, 2017, p. 967–968).

Ao longo das páginas correspondentes ao “Apêndice I”, Engels justificou em sua explanação histórica a “transição dos valores em preços de produção”, sintetizando e



desdobrando a explanação marxiana disponível ao leitor ao longo dos Livros 1 e 3 de *O capital*, defendendo, assim, perante os críticos e os céticos da época a teoria marxiana do valor. Ao assumir a tarefa de defender Marx de seus muitos críticos e antagonistas – alguns justos e legítimos, como Sombart; outros vulgares, como Loria e Rodbertus –, Engels garantiu a manutenção da teoria econômica e social marxiana como dominante nos partidos e demais organizações socialistas de finais do século XIX.

No referido “Apêndice I”, Engels ofereceu ao leitor uma síntese sobre a formação histórica do modo de produção capitalista e de suas determinações e categorias elementares fundamentada nos Livros 1 e 3 de *O capital*. Trata-se, evidentemente de uma síntese engelsiana de *O capital*, sujeita a toda forma de equívocos ou distorções – que certamente, não escaparam os marxólogos contemporâneos que produziram e publicaram as próprias sínteses dessa obra incompleta de Marx, entre eles, os já citados, Mandel (2015) e Heinrich (2012); esse último, crítico do trabalho editorial de Engels dos manuscritos referentes ao *O capital*, de Marx.

Consideramos que Engels no “Apêndice I” se manteve fiel as premissas e as teses marxianas do Livro 1 e dos capítulos 10, 20 e 45 do Livro 3 de *O capital*.<sup>[25]</sup> O trabalho de Engels nesse apêndice consistiu em redigir e complementar, em seus próprios termos, as teses marxianas consideradas por seus críticos da época – Loria, Schmidt e Sombart – como insatisfatórias ou, simplesmente, incorretas. Engels, com sua reconhecida habilidade historiográfica (McLellan, 1979, p. 25), complementou toda uma série de teses presentes nos Livros 1 e 3 oferecendo aos leitores exemplos históricos e teóricos, o que fez dele, muito possivelmente, o primeiro marxólogo do qual temos exemplo.

Não se deve exigir de pioneiros – como é o caso de Marx e Engels, no que se refere a crítica da economia política – que eles apresentem respostas completas e integralmente satisfatórias a problemas recém-descobertos e nos quais a investigação ainda realizava seus primeiros passos (Mandel, 1975, cap. 4, p. 125). Ocorre justamente

---

25 Sobre o trabalho editorial dos referidos capítulos do Livro 3 de *O capital* (10, 20 e 45), Engels comentou no Prefácio que nos capítulos pertencentes as seções II (capítulo 10) e IV (capítulo 20) realizou “reparos estilísticos”, se mantendo fiel “ao manuscrito original”, sempre indicando suas elaborações no texto marxiano “entre chaves e assinaladas com” suas “iniciais”. Nos capítulos pertencentes a seção VI (capítulo 45), Engels comentou que “a seção sobre a renda fundiária estava desenvolvida de maneira muito mais completa, ainda que não estivesse ordenada” (Prefácio, op.cit., p. 34, 36). Posteriormente, em particular após a fundação do projeto editorial e histórico-crítico *Marx-Engels-Gesamtausgabe* (MEGA-2) na década de 1970, foi possível retomar os exames filológicos dos manuscritos marxianos referentes aos três livros de *O capital*, comparando-os com o trabalho editorial realizado por Engels após a morte de Marx, em 1883. Os resultados desses trabalhos filológicos permitiram lançar luz sobre a dimensão da interferência editorial de Engels sobre os manuscritos marxianos para *O capital*. Como exemplo de um perspicaz e rigoroso estudo dos manuscritos marxianos e da edição engelsiana de *O capital* citamos o artigo ‘Marx in Marx’s Words?’ On Engels’s Edition of the Main Manuscript of Book 3 of ‘Capital’, op. cit., p. 35–78, 2002. Nesse estudo, Vollgraf e Jungnickel expõem de forma extensiva uma série de exemplos das alterações, inclusões e omissões feitas por Engels durante o trabalho de edição do Livro 3 de *O capital*. Entretanto, não há quaisquer menções por parte dos autores de alterações substanciais que pudessem sugerir uma mudança significativa de sentido do manuscrito marxiano nos capítulos 10, 20 e 45 do Livro 3 de *O capital*. Portanto, consideramos que os capítulos 10, 20 e 45 referidos por Engels ao longo de sua exposição no Apêndice I do Livro 3 de *O capital* mantiveram a forma e o espírito do texto marxiano original presente nos manuscritos.



Primeira página do manuscrito engelsiano referente ao ensaio *Lei do valor e taxa de lucro*, publicado como apêndice, ou suplemento, do Livro 3 de *O capital* (1894, Hamburgo), de Karl Marx.[26]26

---

26 MEW 25, op. cit., p. 899.

## Referências bibliográficas

- COGGIOLA, Osvaldo. *Engels: o segundo violino*. São Paulo: Xamã, 1995.
- ENGELS, Friedrich. Carta a Werner Sombart (Londres, 11 mar. 1895). *Obras escolhidas: tomo III*. Lisboa: Edições Avante!, 1982. p. 568–570. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/marx/1895/03/11.htm>>.
- ENGELS, Friedrich. Cartas de Friedrich Engels sobre a concepção materialista da história. *Margem Esquerda*, v. 20, 2013. p. 125–141.
- ENGELS, Friedrich. Apêndice e notas suplementares ao Livro III d’O capital, I. Lei do valor e taxa de lucro. *O capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2017a. p. 952–968.
- ENGELS, Friedrich. Prefácio. *O capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2017b. p. 31–49.
- FINE, Ben. Neither Equilibrium as Such nor as Abstraction: Debating Fred Moseley’s Transformation. *International Journal of Political Economy*, v. 46, n. 1, 2017. p. 22–26.
- HARRIS, Abram L. “Sombart and German (National) Socialism”. *The Journal of Political Economy*, v. L, n. 6, dez. 1942. p. 805–835.
- HEINRICH, Michael. ”Deconstructing “Capital”: New Insights from Marx’s Economic Manuscripts in “MEGA” (Summary)”. *Historical Materialism Annual Conference: “New Directions in Marxian Theory”*, dez. 2006. Disponível em: <<http://www.oekonomiekritik.de/312DeconstructingCapital.htm>>.
- HEINRICH, Michael. “A edição de Engels do Livro 3 de O capital e o manuscrito original de Marx”. *Crítica Marxista*, n. 43, 2016. p. 29–43.
- HEINRICH, Michael. “Prefácio – O Livro II de O capital”. *O capital: crítica da economia política: livro II: o processo de circulação do capital*. São Paulo: Boitempo, 2014. p. 17–22.
- HENDERSON, William Otto. *The Life of Friedrich Engels: In Two Volumes*. London: Frank Cass, 1976.
- HOBSBAWM, Eric J. “Introdução”. *Formações econômicas pré-capitalistas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985. p. 13–64.
- KRÄTKE, Michael. “O problema Marx-Engels: por que Engels não falseou O capital marxiano”. *Verinotio*, n. 20, 2014. p. 191–206.
- MACHADO, Gustavo. *Marx e a história: das particularidades nacionais à universalidade da revolução socialista*. São Paulo: Sundermann, 2018.
- MANDEL, Ernest. “Introdução ao marxismo”. *Novos Temas*, v. 12–13, 2015. p. 30–54.
- MANDEL, Ernest. *Late Capitalism*. London: New Left Books, 1975.
- MARX, Karl. *Formações econômicas pré-capitalistas*. 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.



MARX, Karl. “Formas que precederam a produção capitalista”. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011a. p. 388–423.

MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011b.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013a.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: livro III: o processo global da produção capitalista*. São Paulo: Boitempo, 2017.

MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política: v. 3, t. 2. O processo global da produção capitalista*. 2. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

MARX, Karl. “Prefácio da primeira edição [de O capital: Livro I (1867)]”. *O capital: crítica da economia política: livro I: o processo de produção do capital*. São Paulo: Boitempo, 2013b. p. 77–81.

MCLELLAN, David. *As idéias de Engels*. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.

MECW 35. *Marx/Engels Collected Works, Vol. 35. Marx: Capital, Volume I*. New York: International Publishers, 1996.

MECW 37. *Marx/Engels Collected Works, Vol. 37. Marx: Capital, Volume III*. New York: International Publishers, 1998.

MECW 50. *Marx/Engels Collected Works, Vol. 50. Engels: 1892-95, Letters*. New York: International Publishers, 2004.

MEW 23. *Marx-Engels-Werke, Bd. 23: Marx: Das Kapital, I*. Berlin: Dietz Verlag, 1962.

MEW 25. *Marx-Engels-Werke, Bd. 25: Karl Marx, Das Kapital, III*. Berlin: Dietz Verlag, 1964.

MEW 39. *Marx-Engels-Werke, Bd. 39: Januar 1893-Juli 1895*. 1. ed. Berlin: Dietz Verlag, 1968.

MOHUN, Simon & VENEZIANI, Roberto. Equal and Unequal Exchange in the Labor Theory of Value: Comments on Moseley. *International Journal of Political Economy*, v. 46, n. 1, 2017. p. 35–42.

MOSELEY, Fred. “Money and Totality: A Macro-Monetary Interpretation of Marx’s Logic in Capital and the End of the ‘Transformation Problem’”. *International Journal of Political Economy*, v. 46, n. 1, 2017a. p. 2–21.

MOSELEY, Fred. “Reply”. *International Journal of Political Economy*, v. 46, n. 1, 2017b. p. 43–49.

MYRDAL, Gunnar. *Aspectos políticos da teoria econômica (Os economistas)*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

NOGUEIRA, António de Vasconcelos. “Werner Sombart (1863-1941): apontamento biobibliográfico”. *Análise Social*, v. XXXVIII, n. 169, 2004. p. 1125–1151.

PRADO, Eleutério F. S. “Moseley on Marx’s Method”. *International Journal of Political Economy*, v. 46, n. 1, 2017. p. 29–34.

SOMBART, Werner. A Contribution to the Critique of Karl Marx’s Economic System. *Responses to Marx’s Capital: From Rudolf Hilferding to Isaak Illich Rubin*. Leiden & Boston: Brill. 2018. p. 162–211.

SOMBART, Werner. “Zur Kritik des ökonomischen Systems von Karl Marx”. *Archiv für soziale Gesetzgebung und Statistik*, v. 7, n. 4, 1894. p. 555–594.

VOLLGRAF, Carl-Erich; JUNGNICHEL, Jürgen. “‘Marx in Marx’s Words’? On Engels’s Edition of the Main Manuscript of Book 3 of ‘Capital’”. *International Journal of Political Economy*, v. 32, n. 1, 2002. p. 35–78.

VYGODSKII, Vitalii. “What Was It Actually That Engels Published in the Years 1885 and 1894? On the Article by Carl-Erich Vollgraf and Jürgen Jungnickel Entitled “‘Marx in Marx’s Words’?” *International Journal of Political Economy*, v. 32, n. 1, 2002. p. 79–82.